



Psicologia: Reflexão e Crítica

ISSN: 0102-7972

prcrev@ufrgs.br

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Brasil

Pereira Barbosa, Maria Nadeje; dos Santos, Manoel Antonio
Considerações sobre a Dimensão Biológica do Conceito de Pulsão em Freud
Psicologia: Reflexão e Crítica, vol. 18, núm. 2, maio-agosto, 2005, pp. 162-170
Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Porto Alegre, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=18818203>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica
Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

Considerações sobre a Dimensão Biológica do Conceito de Pulsão em Freud

Maria Nadeje Pereira Barbosa

Manoel Antonio dos Santos ^{2 3}

Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto

Universidad Complutense de Madrid

Resumo

Neste artigo postula-se a existência de uma dimensão biológica do conceito de pulsão na obra de Freud, relacionada com a gênese e do desenvolvimento do aparato psíquico. Considerando que no pensamento freudiano existe uma tensão entre modalidades discursivas, a primeira relacionada com os desenvolvimentos da hipótese estrutural sobre o inconsciente, e a segunda que funciona como uma força gravitacional de teorizações provenientes da fisiologia e da biologia, estabelece-se determinadas linhas de força que atravessam o pensamento freudiano, designadas como variantes evolucionistas e decompostas em variantes evolucionistas-ontogenéticas-derivativas, filogenéticas-instintuais e evolucionistas-ontogenéticas constitutivas. Ao final do artigo, conjectura-se que com a expansão da psicanálise seja possível traduzir numa linguagem metapsicológica os aspectos fronteiriços da reflexão freudiana.

Palavras-chave: Pulsão; Freud; psicanálise; biologia.

Considerations about the Biological Dimension of the Instinct Concept in Freud

Abstract

In the present report we postulate the existence of a biological dimension implicit in the concept of instinct in Freud's work, related to the enigmatic nature of the genesis and development of the psychic apparatus. Since in Freudian thought there is a tension between discursive modalities, the first related to the developments of the structural hypothesis about the subconscious and the second functioning as a gravitational center for theoretical constructs derived from physiology and biology, certain lines of force are established which permeate the Freudian thought, designated as evolutionary variants and broken down into evolutionary-ontogenetic-derivative, evolutionary-phylogenetic-instinctual and evolutionary-ontogenetic-constitutive variants. At the end of the article we propose that, with the expansion of psychoanalysis, it will be possible to translate into a metapsychological language the frontier aspects of Freudian reflection.

Keywords: Instinct; Freud; psychoanalysis; biology.

A expansão da disciplina fundada por Freud permite identificar pontos de inflexão que conduzem ao estabelecimento de novos descobrimentos e à formulação de novas hipóteses. O exame de tais desdobramentos orienta nossa atenção para alguns aspectos *tenso* do pensamento freudiano, recorrendo a uma expressão de Sandler (1982, p. 580), em consonância com o fundamental que se depreende de tal expansão, relativizando determinadas formulações, recusando-as veementemente, ou buscando nelas um esclarecimento, sem que isso implique em alterar seus postulados fundamentais.

O conceito de pulsão (*Trieb*) na obra de Freud, objeto desta tripla tendência, revela sua fecundidade na medida em que a discussão sobre seu valor heurístico deu lugar a diferentes orientações psicanalíticas, que são uma das expressões mais significativas da expansão da psicanálise. Contudo, os aspectos obscuros que persistem na teoria freudiana das pulsões reconhecidos inclusive por Freud (1925/1996)⁴,

conseqüentes, estabeleceram um amálgama de ideias que geralmente mais confundem do que esclarecem. Há, portanto, somente uma teoria das pulsões incompleta, mas que atualmente alguns autores demonstram em relação à obra de Freud.

Por outro lado, paulatinamente vem se desenvolvendo uma maneira peculiar com que Freud introduz teorias no seu discurso. Paulatinamente porque, mesmo quando se destaca, as raízes biológicas da psicanálise não são consideradas apenas a partir do eminente e imediato. Este autor assinala que o próprio Freud, mesmo quando trata o homem como entidade biológica, não ignora as raízes biológicas da psicanálise, e que a maior parte das ideias fundamentais de Freud são de ordem biológica. A inspiração, como nas suas implicações (Sullam, 1996),

Pois bem, o conceito de pulsão, tal como

Na verdade, Freud recorre ao saber da biologia para fundamentar determinadas hipóteses da sua teoria das pulsões que, inseridas nos albores da disciplina fundada por ele, mostravam-se obscuras aos olhos do próprio Freud. O que permite postular, no cerne do pensamento freudiano, uma dimensão biológica da pulsão, vinculada aos aspectos cruciais da reflexão psicanalítica ou, o que resulta no mesmo, ao caráter enigmático da gênese e do desenvolvimento do aparelho psíquico.

Uma possível objeção ao tema que será tratado nas próximas linhas é a eleição unilateral de um determinado aspecto da pulsão (o biológico) em detrimento de uma reflexão mais ampla, que inclua o psíquico. Entretanto, prefere-se manter uma certa prudência metodológica em relação às formulações de Freud nas quais o conceito de pulsão aparece atado ao biológico, com a finalidade de detectar as dificuldades que surgem no plano da teoria pulsional. Tratar de um aspecto da pulsão que se apresenta obscuro não somente no interior do pensamento freudiano, mas também nos desenvolvimentos psicanalíticos posteriores a Freud, contribui para a consecução deste objetivo.

Em outro estudo (Barbosa, 2001), foram assinalados os elementos da dimensão biológica incompatíveis com a hipótese sobre a sexualidade inconsciente, a saber: a concepção de sexualidade desde o ponto de vista instintual em detrimento do pulsional; a concepção que trata sobre a origem e a evolução do aparelho psíquico nos termos de adaptação à realidade; e a concepção da meta da sexualidade nos termos estritos de reprodução das espécies. Ali, asseverou-se que, paradoxalmente, alguns destes elementos aparecem na obra de Freud, mesmo considerando-se a mudança radical que uma reflexão propriamente psicanalítica sobre a pulsão produz no seu pensamento.

No presente trabalho, estes assinalamentos servirão de índice para postular a existência de uma dimensão biológica do conceito de pulsão no pensamento freudiano, assim como sua amplitude e complexidade. A tendência de Freud em não ser somente um espectador dos avanços da biologia do seu tempo, mas também procurar dar uma versão psíquica a estes desenvolvimentos, mesmo assumindo o risco de solapar seus próprios descobrimentos, dá um significado especial a esta dimensão.

Dentro desta mesma ordem de considerações, o rastreamento de uma dimensão biológica do conceito de pulsão tomará como marco a leitura dos seguintes textos de Freud: *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (Freud, 1905/1996b), *Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental* (Freud, 1911/1996c) e *Além do princípio de prazer*

do saber, importando explicitamente os pressupostos científicos do seu tempo. Freud era, antes de tudo, um cientista assentado no mais rigoroso anti-

A partir da hipótese estrutural será possível incluir uma série de experiências provenientes da filosofia e da fisiologia psicanalítica e, como consequência, a este conceito. Esse processo é a reflexão sobre uma tópica dos processos evocar um aparelho neuronal dotado ênfase à noção de aparelho psíquico uma localização psíquica (*psychischen* no capítulo VII da *Interpretação dos processos oníricos* (Freud, 1900/1996a).

A perspectiva tópica, genuína Anzieu (1989), evocaria assim um outro, dotado de uma realidade específica do campo psicanalítico baseando-se no tempo da consciência uma *falha*, uma *ferida*, uma *frustração* (*Zeitbos*), segundo as palavras de Lugares. Lugar outro em que a formulação especial destaque; como assinala *porque existem relações de força que se defendem e proibição* (Ricoeur, 1970, p. Estas considerações remetem diretamente à pulsão e a tópica dos processos p

Com o estabelecimento da hipótese inconsciente, dá-se início a uma operação as reflexões assentadas no saber a reflexão metapsicológica. Entretanto, totalmente lograda, sobretudo quando apreendem da hipótese estrutural pensamento freudiano nos anos posteriores à hipótese. Freud, no decorrer de sua obra, conceitos propriamente psicanalíticos observação clínica, com hipóteses de outro lado, a transposição efetuada por Freud em que logra converter os modelos

relacionada com o caráter enigmático da gênese e dos movimentos do aparelho psíquico.

O que termina por desvelar as tensões produzidas entre duas modalidades discursivas, nas quais o conceito de pulsão aparece como base. Se a primeira, que tratamos de delinear nas páginas anteriores, está enlaçada com os desenvolvimentos da hipótese estrutural sobre a sexualidade inconsciente e encontra nos conceitos de fantasia (*Phantasie*) e desejo (*Wunsch*) a base das formulações que dão à psicanálise toda a sua originalidade, a segunda, que constitui o foco de interesse deste trabalho, funciona como centro gravitacional de teorizações provenientes da biologia e da fisiologia.

No que se refere à dimensão biológica do conceito de pulsão, esta segunda teorização apresenta determinadas linhas de força que atravessam o pensamento freudiano e que, a partir de agora, serão apresentadas e situadas nos textos de Freud dos quais foram extraídas. São as variantes evolucionistas, que podem ser decompostas em evolucionistas-ontogenéticas-derivativas, evolucionistas-filogenéticas-instintuais e evolucionistas-ontogenéticas-constitutivas do conceito de pulsão.

Variantes evolucionistas do conceito de pulsão

A adesão inicial de Freud à teoria evolucionista, presente desde suas pesquisas como neurólogo, tal como assinala Gay (1989), marcará sua presença no desenvolvimento das suas hipóteses propriamente psicanalíticas. Jones (1997) descreve as contribuições de Freud à teoria da evolução no decorrer da sua obra, mesmo reconhecendo que seus aportes ao campo da biologia foram mais acidentais que deliberados. Com efeito, as idéias expostas no *Projeto para uma psicologia científica* (Freud, 1950/1996m), obra póstuma de Freud e marco propriamente teórico da introdução da expressão *Trieb*, revelam que o recurso às hipóteses do campo da biologia constituem um poderoso ingrediente no processo de elaboração das suas hipóteses que encontravam na teoria da evolução uma base comum, assim como no que de original se deduz do desenvolvimento da noção de aparelho psíquico, a qual culmina com o estabelecimento da hipótese estrutural acerca da sexualidade inconsciente. Estas considerações sublinham a importância do *Projeto...* (Freud, 1950/1996m) em relação ao conjunto de sua obra, mesmo considerando-se que as idéias expostas neste trabalho somente

Trieb no pensamento freudiano, depreendem-se relativas a este conceito, inseridas numa teoria geral que, paradoxalmente, coexistem não somente em sucessivas edições que compõem esta obra (Freud, 1922, 1925), mas no seu pensamento como um todo. As forças demonstram as vicissitudes da adesão de Freud aos evolucionistas, assim como as consequências da adesão, a saber, as variantes evolucionistas-ontogenéticas e evolucionistas-filogenéticas-instintuais.

Assim, é possível afirmar que, se é certo que a dimensão instintual (com metas e objetos específicos) da sua formulação sobre a pulsão (que carece de base) sustenta a hipótese sobre a contingência do objeto, é certo que introduz a dimensão biológica na teoria genético-evolucionistas.

As variantes evolucionistas-ontogenéticas e as variantes evolucionistas-filogenéticas são as variantes que abordam a gênese ontogenética e filogenética da pulsão, decomposta nos seus componentes. A relação dialética de derivação com o instinto, embora a pulsão seja descrita em termos de origem, ou seja, endógena. As pulsões também apresentam uma temporalidade que, mesmo se perfilando sob os termos da biologia (linear, cronológica, abstrata, no sentido progressivo como regressivo), apresenta uma satisfação, que aponta a uma concepção dinâmica.

Na primeira edição dos *Três ensaios...* (Freud, 1905, 1905), Freud concebe a sexualidade infantil como anarquia e de poliformismo pulsional. As pulsões são auto-eróticas (pulsão oral, pulsão anal) e a satisfação independentes que predominam em todo o desenvolvimento psico-fisiológico do sujeito, ou qual parte do corpo, propícias também a excitação, as chamadas zonas erógenas (*erotische Zonen*) funcionam anárquico gradualmente se convertem em alo-eróticas e se submetem a uma satisfação: as zonas erógenas ficam subordinadas à genitalidade (Freud, 1905/1996b).

Depreende-se, assim, uma concepção de desenvolvimento de progressão do mais simples (as pulsões

reflexão sobre a teoria da libido a partir do estudo sobre as neuroses de transferência e da psicose. Tal teoria se iniciou a partir da importância atribuída ao erotismo anal em *Caráter e erotismo anal* (Freud, 1908/1996c), para, em *A disposição à neurose obsessiva* (Freud, 1913/1996g), introduzir a hipótese de um estágio anal. Dentro desta mesma ordem de considerações, na terceira edição dos *Três ensaios...* (Freud, 1905/1996b), de 1915, Freud introduz a hipótese de um estágio oral e, finalmente, em *A organização genital infantil* (Freud, 1923/1996l), a de um estágio fálico no desenvolvimento da libido.

Esta alteração é muito significativa no pensamento freudiano; o estabelecimento de estágios no desenvolvimento libidinal indica que não se trata mais de uma concepção de evolução de unidades mais simples em direção a unidades mais complexas, mas da coexistência de duas organizações, a infantil e a adulta, que separadas entre si pelo período de latência (*Latenzperiode*) buscam abarcar os avatares da sexualidade humana. Assim, o advento da sexualidade adulta, com a primazia da zona genital e o reconhecimento do objeto total, não se inscreve no sentido de que este último estágio, no tempo cronológico, excluisse os anteriores, ou seja, os modos pré-genitais de satisfação da libido, mas somente se sustenta desde que mantendo uma relação dialética com aquele.

Laplanche e Pontalis (1983) consideram que esta mudança de perspectiva conduziu a uma nova extensão da noção de fixação. Mais do que fases do desenvolvimento da libido, a fixação engloba também a estrutura da atividade característica de cada etapa, que inclui não somente a atividade sexual e a escolha de objeto, mas também o modo como o sujeito concebe suas experiências intra e intersubjetivas. Por certo, as perversões revelam a detenção da evolução da pulsão sexual em um de seus componentes, mas a sublimação (*Sublimierung*) também revela a não integração da pulsão sexual. Assim, é possível detectar no adulto modos orais e anais de satisfação e não há porque considerá-lo necessariamente perverso por não querer ou não poder procriar.

Convém sublinhar que foi mediante este proceder que Freud pôde ampliar a teoria da sexualidade humana em relação às doutrinas clássicas. Com efeito, foi em função de uma concepção evolutiva da sexualidade humana que foi possível aproximar a sexualidade infantil à sexualidade perversa, introduzir a hipótese sobre a fixação e regressão da libido, sem mencionar o

concepção já estava presente nos estudos de Freud sobre a teoria da sedução para explicar o propósito do caso Emma, no *Prólogo* (Freud, 1905/1996a), saber, a ressignificação *a posteriori* do caso e excluído no interior do sujeito o tempo por uma série temporal, é o segundo tempo. Entretanto, é trágico histórico, sugerindo uma fixação histórica ontogenética do sujeito, seja nas conquistas sociais e culturais precisamente desta adesão de Freud à filogênese da humanidade em detrimento do ontogenético que se deduz uma segunda dimensão biológica do conceito de evolução filogenética-institucional.

As variantes evolucionistas-filogênicas das teorizações de Freud nas quais, baseada na biologia, neste caso, na lei biológica, qual a filogênese determina a ontogênese, a pulsão e filogênese. Estas teorizações são endógena e hereditária, e desembocam na temporalidade pré-histórica, mítica, origem das instituições e das neuroses como cenário.

A concepção hereditária da pulsão de fundamentar este conceito com um movimento de um pensamento que, como Laplanche (1993), retornará à teoria morfológica de Weissman se fundamentar a gênese do conceito de dados da etologia animal (migração de ambiente de origem) em *Além do princípio* (Freud, 1996j), tal como se verá mais adiante, vez que não consiste em importar a biologia e convertê-lo em metáfora para fundamentar uma conceitualização sobre a de uma hipótese tomada de empréstimo.

Esta hipotética relação entre pulsão e tentativa de Freud de dar uma versão de Lamarck sobre a origem e

demonstrar que as instituições humanas, incluindo a religião, derivam de instituições primitivas.

- Os prolongamentos psicolamarckianos inerentes à relação de correspondência entre a neurose de transferência (*Übertragungsnurose*) e a neurose narcísica (*narzisstische Neurose*) com a filogênese da espécie esboçada por Freud em um trabalho recentemente encontrado na correspondência que o fundador da psicanálise manteve com Ferenczi, intitulado *Síntese das neuroses de transferência* (Freud, 1989/1985).

Estas especulações sobre a origem das instituições humanas e a relação de correspondência entre as neuroses e a filogênese da espécie, não devem ser entendidas como uma adesão cabal às hipóteses de Darwin e de Lamarck⁶. Delouya (1992) adverte que foi na hipótese de Spencer, segundo a qual existe um resumo na mente do indivíduo dos estágios da história da humanidade, que Freud se baseou. Partindo desta hipótese, Freud desenvolveu uma teorização peculiar baseada na transmissão filogenética das lembranças.

A introdução do conceito de fantasias primordiais (*Urphantasien*) em *Um caso de paranóia que contraria a teoria psicanalítica da doença* (Freud, 1915/1996h), reflete este estado de coisas. Definidas como estruturas que modelam e dão historicidade ao complexo de Édipo (*Ödipuskomplex*), apresentam sua origem numa realidade definida como pré-histórica, que busca enquadrar as singularidades pessoais. São as fantasias de sedução, de castração, de observação da cena primária (coito parental), de retorno à vida intra uterina. A novela familiar pode ser considerada como outra das fantasias primordiais.

Este interesse de Freud pelas origens, presente na relação entre ontogênese e filogênese, reflete, em última instância, sua inquietude naquilo que da ciência se aproxima ao mito. De todo modo, o reconhecimento de Freud sobre a tênue fronteira existente entre mito e ciência o conduz a se distanciar quando havia *alguma dúvida interna acerca de que estava penetrando demasiado em território alheio*, segundo as palavras de Jones (1997, p. 332; tradução dos autores), tomando certa prudência com relação às hipóteses da biologia, não sem reconhecer o caráter de mito científico das suas hipóteses, tal como assinala Grubrich-Simitis (1989). Dentro desta mesma ordem de considerações, na 23ª das *Conferências introdutórias sobre psicanálise*, intitulada *Os caminhos da formação dos sintomas* (Freud, 1916-1917/1996i), Freud postula o recurso às fantasias primordiais, quando o vivenciar

que se supõe pensar sobre a passagem do natural ao cultural, que, neste caso, Freud não se atém a uma idéia por si só, mas à noção de uma seleção das teorias do naturalismo, em *Formulações sobre os dois princípios da psicanálise* (Freud, 1911/1996e) a adesão às hipóteses de Darwin se a partir de outra perspectiva.

O estabelecimento de uma psicologia genética (Freud, 1996e) demonstra o reflexo da influência que a biologia exerceu sobre o pensamento freudiano, em particular sobre a origem da sexualidade humana e dos seus avatares. Para o indivíduo à realidade, a partir da paulatina diferenciação das classes de pulsões que compõem o primeiro dualismo: pulsões sexuais e as pulsões do ego, incorporando a luta pela autconservação, dualismo exposto inicialmente em *psicanalítica da perturbação psicogênica da visão* (Freud, 1911/1996e).

Neste esquema, as pulsões do ego se desenvolvem a partir das pulsões sexuais, estas últimas reguladas pelo princípio do prazer (*Lustprinzip*). Este processo é correlato ao princípio de realidade (*Realitätsprinzip*), que atua como regulador do aparelho psíquico. O que desenvolve o primeiro dualismo pulsional e os dois princípios de funcionamento psíquico. Pois bem, desta síntese propriamente dita da psicanálise, depreende-se uma linha de força vinculada com a teoria da evolução: as variantes evolucionistas-ontogênicas-constitutivas do aparelho psíquico.

As variantes evolucionistas-ontogênicas referem-se ao modo de pensar a origem e a evolução do aparelho psíquico nos termos de adaptação do organismo à realidade e em relação de conflito com a sexualidade. A evolução das pulsões sexuais e das pulsões do ego inseridas numa concepção de progresso contínuo, dentro de um esquema único em que a adaptação é a finalidade. Apresentam uma concepção de evolução e de temporalidade linear e cronológica.

Caberia interrogar neste ponto sobre a equivalência entre as variantes evolucionistas-constitutivas e as variantes evolucionistas-constitutivas. Por certo, estas estão incluídas numa concepção de realidade biológica, assim como de temporalidade linear. Por um lado, a ênfase dada à noção de progresso

que tanto o modo de funcionamento das pulsões sexuais como o da pulsão do ego são considerados organizações com leis de funcionamento distintas entre si. Nesse sentido, ambas as variantes apontam para uma concepção globalista.

Contudo, a introdução de outro termo na equação não somente no mesmo nível hierárquico que ocupa a sexualidade dentro de uma reflexão propriamente psicanalítica, mas também em oposição a ela, a saber, a adaptação, desemboca em um ofuscamento da noção de sexualidade, ou seja, a adaptação viria a substituir a sexualidade, quando a sexualidade na psicanálise é insubstituível.

Isso se perfila mais nitidamente na ênfase dada ao caráter desadaptado da pulsão sexual na psicopatologia e no desenvolvimento psicosssexual normal: o sujeito-organismo, nas palavras de Bercherie (1996), *deverá realizar uma “dura aprendizagem de adaptação ao real, conservando a nostalgia da auto-suficiência ilusória da sua vida pré-histórica* (p. 372; tradução dos autores).

Por certo, a tela de fundo da teorização presente nestes anos é a concepção profana da sexualidade que viria contaminar os interesses do ego. Auge do primeiro dualismo pulsional, mas também seu ocaso; porque cada descobrimento da teoria da libido, que deveria validá-lo heurísticamente, colocava-o em questão. A introdução do conceito de narcisismo revelará que o ego está impregnado de sexualidade em todos os momentos de sua constituição e desenvolvimento, o que levaria a questionar o valor heurístico de uma pulsão do ego e de uma pulsão de autoconservação.

Se a variante evolucionista-ontogenética-derivativa aborda a gênese e a evolução da sexualidade humana, na variante evolucionista-ontogenética-constitutiva, para além da sexualidade introduz-se outro termo, a adaptação, que mantém com a primeira um conflito, como dois termos antagônicos. A adaptação do sujeito à realidade não necessariamente se opõe aos desígnios da sexualidade.

Assim, a psicologia genética esboçada por Freud em *Formulações...* (Freud, 1911/1996e) é concebida a partir da perspectiva da adaptação progressiva do organismo à realidade. Um ponto de vista reconhecido pelos desenvolvimentos da biologia, mas que, desde o ponto de vista psicanalítico, equivale a desmentir o suposto sobre a sexualidade inconsciente.

A ênfase na noção de progressão no sentido de aperfeiçoamento de unidades mais simples a unidades mais complexas, do anárquico

teorizações anteriores nas quais a sexualidade é o elemento central. Caracterizado pela especulação sobre a oposição entre soma e germe, e sobre a adaptação ao meio, este discurso biológico apresenta como ponto de partida a teoria das pulsões. Primeiramente, a adaptação esforça no sentido da mudança e do desenvolvimento, a ser entendida como *expressão da natureza* (Freud, 1920/1996j, p. 47).

É a partir destas especulações que Freud desenvolve a noção de força que, mesmo esboçada em *ensaios...* (Freud, 1905/1996b), iria a ser desenvolvida em *Formulações...* (Freud, 1920/1996j) com toda a sua complexidade. A saber, as variantes evolucionista-ontogenética-derivativa e evolucionista-ontogenética-constitutiva.

No caso de *Além do princípio...*, Freud tenta delinear o vínculo entre pulsão e adaptação, vislumbrando nas variantes evolucionista-ontogenética-derivativa e evolucionista-ontogenética-constitutiva toda uma tentativa por parte de Freud de teorização psicanalítica, especialmente a partir da oposição entre pulsões de vida e pulsão de morte. A biologia, de modo a oferecer uma equivalência entre as leis que regulam a vida e as leis que regulam o aparelho psíquico.

Referindo-se à falta da proteção do ego, Freud afirma que provêm do interior do corpo e se manifestam em perturbações similares às das pulsões. Ele introduz o conceito de pulsão como uma força que emana do interior do corpo e se manifesta desde logo o elemento mais importante da vida (Freud, 1920/1996j, p. 45). Obscuro conceito de um singular e complexo desejo, Freud define a pulsão pela definição de pulsão propriamente dita. Neste tão emblemático texto. Indica-se a pulsão (não ligado) e a pulsão (ligado) (*Wiederholungszwang*), Freud define a pulsão (*Drang*) inerente ao organismo, que se manifesta de coisas precedente (Freud, 1920/1996j, p. 45).

Para postular este condicionamento, Freud recorre a determinados fenômenos da natureza, a migração dos peixes e das aves ao se

O biológico atravessa, assim, a essência propriamente dita da pulsão não como metáfora ou analogia, mas como seu suposto fundamento. O poder conservador da vida se revelaria na repetição filogenética do adquirido e do constitutivo; recapitulação na qual está implícito o movimento mediante o qual se logra alcançar a finalidade da evolução dos organismos. Freud assinala que, desde o princípio da evolução dos organismos, as pulsões orgânicas conservadoras aceitam e preservam para ulterior repetição as modificações impostas aos mesmos, armazenando-as como marcas que cada vez mais se distanciam da finalidade última da evolução dos organismos. Daí a aparente impressão de que as pulsões trabalham no sentido da mudança e do progresso. Mediante vias longas ou curtas, a regressão, forma exterior de repetição, terminará por conduzir o organismo a um fim inscrito em um tempo anterior a sua constituição, a saber, ao estado inorgânico. É assim que se esboça o conceito de pulsão de morte. Freud assinala que, se todo o vivo morre por razões internas, *o objetivo de toda vida é a morte, as coisas inanimadas existiram antes das vivas* (Freud, 1996j/1920, p. 49).

É dentro desta ordem de considerações, nas quais a reflexão freudiana aparece totalmente do lado de uma especulação biológica, que Freud postula a origem da primeira pulsão, a de regressar ao inanimado. Como primeiro estado de tensão proveniente da passagem do estado inanimado ao animado, esta primeira pulsão surgiria como tentativa de nivelar o excesso de energia. Contudo, não explicita se a pulsão aparece como resultado do processo ou se é equivalente ao estado de tensão (Spilka, 1997).

Pois bem, o que se depreende do assinalado anteriormente não é somente a ausência de qualquer referência ao objeto da pulsão – objeto que, desde os *Três ensaios...* (Freud, 1996b/1905), aparece como contingente – mas a ausência de bases metapsicológicas, já que não é possível classificar este conceito segundo os seus termos, a saber: fonte, objeto, meta e pressão. Esboça-se também uma reflexão sobre a origem da pulsão que não encontra referência nem no processo repressivo, nem na dimensão fantasmática como fonte da pulsão, tal como adverte Spilka (1997). Cabe assinalar também a advertência de Jones (1997) de que o objetivo da pulsão de regressar ao estado anterior tampouco encontra apoio na biologia. O resultado é a transformação da pulsão em um conceito abstrato.

animáculos, um fluido nutriente novo. Maupas e demonstraram a nível experimental a mortalidade. Contudo, a diferença de Woodruff, estes pesquisadores introduziram um fluido novo no animáculo e nos seus descendentes. Woodruff a concluir que é o próprio produto dos protozoários que os conduzia à morte (Freud, 1996j/1920:51).

Pois bem, estas especulações revelam um caráter que a psicanálise não se edifica como teoria sólida, mas como teoria sobre o inconsciente psíquico. A ordem de considerações, situando em um mesmo plano a vida e a origem das pulsões, Freud redescreve suas características da pulsão e altera as categorias que sustentam a hipótese sobre a sexualidade inconsciente de categorias que pertencem ao campo da biologia. Os organismos buscam assegurar o caminho da vida, estabelece uma relação de equivalência entre pulsões germinais que, ao se fundirem entre si, *trabalham a substância viva* (Freud, 1996j/1920:51). Como a união das células germinativas supõe uma finalidade, parece adequar-se mais ao campo da necessidade. Nesse sentido, a dimensão pulsional ficaria subordinada à necessidade, quando é a partir da psicanálise que se convence de que a sexualidade não se reduz à função sexual, convencido de que todas as pulsões buscam, mediante a repetição, restabelecer o estado anterior, enterro da pulsão de morte, este estado anterior correto da matéria inanimada, Freud interroga qual é a natureza ao estado originário no que se refere às pulsões, então, ao mito do andrógino, de Platão, por característica da pulsão a necessidade de restabelecer o estado anterior ou seu caráter regressivo, mesmo reconhecendo a fantástica. Tal como adverte Laplanche (1997), depreende é a de uma sexualidade pré-formada, parte do sujeito, por alcançar o que desde o presente; concepção muito diferente da natureza das pulsões assinalada antes desta mudança radical ocorrida a partir de 1920.

Uma reflexão mais detida sobre o estatuto da sexualidade nestes anos remete, pelo menos, a dois lados, com as mudanças ocorridas a partir da introdução da psicanálise do conceito de narcisismo, a sexualidade concebida como alheia aos desejos do ego, a

aceder a ele. Diz Green (1997), em outro trabalho: *Talvez esta denominação [de Eros] não seja tanto mítica, conquanto que busca um modo de expressão apto para reunir os diversos registros de uma vida erótica ampliada numa dimensão a que ninguém, antes de Freud, tinha estendido* (Green, 1997, p. 43; tradução e colchete dos autores).

No que se refere à categoria de temporalidade, *Além do princípio...* (Freud, 1920/1996j) revela os meandros de uma reflexão baseada na crítica que Freud tece a respeito da tese de Kant, segundo a qual tempo e espaço são *formas necessárias de pensamento* (Kant, citado em Freud, 1920/1996j, p. 39). O que se deduz destas considerações não é uma recusa da temporalidade linear e cronológica, mas a ênfase na intemporalidade dos processos psíquicos inconscientes, que não se ordenam cronologicamente, são inalteráveis com o passar do tempo e dotados de uma temporalidade própria que se expressa na repetição.

Entretanto, muito embora Freud, em *Além do princípio...* (Freud, 1920/1996j), destaque a intemporalidade dos processos inconscientes, é possível detectar inúmeras contradições e um modo de abordar determinados enunciados que vão alterando sucessivamente as teorizações anteriores. Como assinala Bercheret (1994), cada proposição considerada isoladamente pode parecer em si justificável, mas quando estas proposições se encontram juntas, não somente se excluem entre si, como chegam inclusive a excluir a representação do objeto de partida. O recurso a teorias biológicas, que pareciam a Freud de caráter científico, tais como as de Weismann, Woodruff e Hering, com a finalidade de dar fundamento orgânico à sua teoria das pulsões, não sem deparar-se com a filosofia de Schopenhauer e importar modelos míticos (mito do andrógino, de Platão) para especular sobre a origem das pulsões de vida, inserem-se nesta ordem de considerações.

Assim, Freud recorre a determinadas teorias da ciência natural a fim de dar fundamento orgânico às pulsões de vida e à pulsão de morte. Ocorre entretanto que, como a concepção mecanicista, em particular, a físico-fisiologista da pulsão, explica apenas parcialmente este desenvolvimento teórico, Freud introduz a dimensão da história (Freud, 1920/1996j). Segundo Bercherie (1996), o registro biológico se converte, em *Além do princípio...* (Freud, 1920/1996j), em um registro único para Freud, irreduzível ao campo físico-químico e caracterizado pela dimensão da história. Tentativa que se justifica em Totem e Tabu (Freud, 1913/1996f), em Sinopsis dos neurosis de transferência (Freud, 1989), assim como construção da fantasia primordial. E nada mais útil do que recorrer ao darwinismo, pois

desenvolvimentos teóricos e clínicos da sexualidade inconsciente uma tensão. Sobretudo quando se confirma que o conceito de Eros de Freud está relacionado com o desenvolvimento do aparelho psíquico.

No que se refere à dimensão biológica, o pensamento freudiano, revelou-se em acordo com determinadas linhas de pensamento de variantes evolucionistas-ontogenéticas e filogenéticas-instintuais e evolucionistas. Uma Ordenação que possibilita focalizar o biológico com um olhar mais preciso e menção a ele, que, ao conceber o biológico no sentido de Freud, por obscurecer questões que ainda aguardam elaboração teórica.

Anteriormente, conjecturamos que a hipótese da biologia ocorreu com o desenvolvimento da sua disciplina. A importação de seus termos e conceitos para a fundamentação das hipóteses propostas revela que a hipótese que fundamenta a pulsão não é uma operação acabada, mas um reconhecimento de uma outra cena de transformação e transmutação de determinadas pulsões metapsicológicas. Desvela-se, também, a pulsão no rastreamento e no desenvolvimento psicanalítico de realidade e de tempo, pela biologia e pelo campo da consciência.

Neste sentido, o desenvolvimento da pulsão. Freud permite trilhar outros caminhos para a tarefa de reformulação conceitual ininterrupta de suas hipóteses, mas de reconhecer os movimentos, vislumbra as conexões de uma ponte com os postulados pós-freudianos, buscando uma espécie de ressignificação da pulsão, reconhecendo que, nas perspectivas limítrofes, a psicanálise continua a ser uma ciência naturalista e social (Caparrós, 1996). Aparecendo como recurso para dar fundamento e decompõem desde o ponto de vista

- Barbosa, M. N. P. (2001). *El concepto de pulsión en la obra de Freud*. Tese de Doutorado não-publicada, Programa em “Fundamentos y Desarrollos Psicoanalíticos”, Universidad Complutense de Madrid. Madrid, Espanha.
- Bercheret, J. (1994). Une ‘pulsion’ qui n’en finit pas de mourir. *Revue Française de Psychanalyse*, 58, 361-376.
- Bercherie, P. (1996). *Génesis de los conceptos freudianos* (J. Piatigorsky, Trad.). Buenos Aires: Paidós. (Original publicado em 1983)
- Caparrós, N. (1996). Lo esencial en psicoanálisis. Em I. Sanfeliu (Org.), *Nuevos paradigmas psicoanalíticos* (pp. 13-33). Madrid: Quipú.
- Delouya, D. (1992). O biológico em Freud: ‘Corpo estranho’ ou heresia? *Percursos: Revista de Psicanálise*, 4, 39-45.
- Freud, S. (1989). *Síntesis de las neurosis de transferencia* (A. Vincens, Trad.). Barcelona: Ariel. (Original publicado em 1985)
- Freud, S. (1996a). A interpretação dos sonhos (W. I. de Oliveira, Trad.). Em J. Salomão (Org.), *Edição standard brasileira de obras completas de Sigmund Freud* (Vol. 4 e 5). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1900)
- Freud, S. (1996b). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (V. Ribeiro, Trad.). Em J. Salomão (Org.), *Edição standard brasileira de obras completas de Sigmund Freud* (Vol. 7, pp. 117-232). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1905)
- Freud, S. (1996c). Caráter e erotismo anal (M. A. M. Rego, Trad.). Em J. Salomão (Org.), *Edição standard brasileira de obras completas de Sigmund Freud* (Vol. 9, pp. 159-168). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1908)
- Freud, S. (1996d). A concepção psicanalítica da perturbação psicogênica da visão (D. Marcondes, J. B. Corrêa, W. I. Oliveira, D. Mussa, C. S. Costa, J. Salomão & P. D. Corrêa, Trad.). Em J. Salomão (Org.), *Edição standard brasileira de obras completas de Sigmund Freud* (Vol. 11, 217-228). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1910)
- Freud, S. (1996e). Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental (J. O. A. Abreu, Trad.). Em J. Salomão (Org.), *Edição standard brasileira de obras completas de Sigmund Freud* (Vol. 12, pp. 221-230). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1911)
- Freud, S. (1996f). Totem e tabu (O. C. Muniz, Trad.). Em J. Salomão (Org.), *Edição standard brasileira de obras completas de Sigmund Freud* (Vol. 13, pp. 11-164). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1913)
- Freud, S. (1996g). A disposição à neurose obsessiva. Uma contribuição ao problema da escolha da neurose (J. O. A. Abreu, Trad.). Em J. Salomão (Org.), *Edição standard brasileira de obras completas de Sigmund Freud* (Vol. 12, pp. 335-350). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1913)
- Freud, S. (1996h). Um caso de paranóia que contraria a teoria psicanalítica da doença (T. O. Brito, P. H. Brito & C. M. Oiticica, Trad.). Em J. Salomão (Org.), *Edição standard brasileira de obras completas de Sigmund Freud* (Vol. 14, pp. 267-284). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1915)
- Freud, S. (1996i). Conferências introdutórias sobre psicanálise (J. L. Meuer, Trad.). Em J. Salomão (Org.), *Edição standard brasileira de obras completas de Sigmund Freud* (vol. 15 e 16). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1916-1917)
- Freud, S. (1996j). Além do princípio de prazer (E. A. M. Souza, Trad.). Em J. Salomão (Org.), *Edição standard brasileira de obras completas de Sigmund Freud* (Vol. 18, pp. 11-76). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1920)

- Freud, S. (1996k). A organização genital infantil: Uma introdução à teoria da sexualidade (J. O. A. Abreu, Trad.). Em J. Salomão (Org.), *Edição standard brasileira de obras completas de Sigmund Freud* (Vol. 19, pp. 1-10). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1923)
- Freud, S. (1996l). Um estudo autobiográfico (C. M. Oiticica, Trad.). Em J. Salomão (Org.), *Edição standard brasileira de obras completas de Sigmund Freud* (Vol. 19, pp. 11-78). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1925)
- Freud, S. (1996m). Projeto para uma psicologia científica (J. Salomão (Org.), *Edição standard brasileira de obras completas de Sigmund Freud* (Vol. 1, pp. 333-450). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1926)
- Gay, P. (1989). *Freud. Una vida de nuestro tiempo* (J. Piatigorsky, Trad.). Buenos Aires: Paidós. (Original publicado em 1988)
- Green, A. (1990). *De locuras privadas* (J. L. Etcheverry, Trad.). Buenos Aires: Amorrortu. (Original publicado em 1986)
- Green, A. (1997). *Las cadenas de Eros. Actualidad de los conceptos freudianos*. Buenos Aires: Amorrortu.
- Grubrich-Simitis, I. (1989). *Metapsicología y metapsicología de las neurosis de transferencia* (A. Vincens, Trad.). Buenos Aires: Amorrortu. (Original publicado em 1985)
- Jones, E. (1997). *Vida y obra de Sigmund Freud, Tomo III (Metapsicología)*. Buenos Aires: Lumen-Hormé. (Original publicado em 1960)
- Kristeva, J. (1998). El escándalo fuera del tiempo. Em J. Salomão (Org.), *Edição standard brasileira de obras completas de Sigmund Freud* (Vol. 1, pp. 109-127). Madrid: Biblioteca Nueva.
- Laplanche, J. (1973). *Vida y muerte en psicoanálisis* (M. Horowitz, Trad.). Buenos Aires: Amorrortu. (Original publicado em 1970)
- Laplanche, J. (1993). *El extravío biológico de la sexualidad* (J. Salomão, Trad.). Buenos Aires: Amorrortu.
- Laplanche, J. & Pontalis, J. B. (1983). *Vocabulário da Psicanálise*. Rio de Janeiro: Paulo: Martins Fontes. (Original publicado em 1967)
- Laplanche, J. & Pontalis, J. B. (1988). *Fantasia originária, fantasia e sonho* (A. Cabral, Trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Original publicado em 1985)
- Perron, R. (1991). Des diverses sens du terme ‘modèle’ et de son utilisation en psychanalyse. *Revue Française de Psychanalyse*, 55, 221-230.
- Ricoeur, P. (1970). *Freud: Una interpretación de la cultura* (A. Vincens, Trad.). Buenos Aires: Amorrortu. (Original publicado em 1965)
- Sandler, J. (1982). Reflexiones sobre algunas relaciones entre la teoría y la práctica psicoanalítica. *Revista de Psicoanálisis*, 26, 83-106.
- Soriano, J. F. (1995). *Psicoanálisis y biología. Aspectos convergentes*. Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1995)
- Spilka, J. (1997). Reflexiones en torno a “Más allá del principio de placer”. *Psicoanálisis*, 26, 83-106.
- Sulloway, F. J. (1981). *Freud, biólogo de l'esprit* (J. Lelaidier, Trad.). Paris: Arthème Fayard. (Original publicado em 1979)